

Discurso proferido pelo eleito de MUDA ALPIARÇA na Assembleia Municipal, reunida em sessão solene comemorativa do 45º aniversário do 25 de Abril de 1974.

Senhor presidente da Assembleia Municipal;

Caros munícipes a quem principalmente se destinam estas modestas palavras;

Senhor presidente da Câmara, senhora e senhores vereadores;

Senhoras e senhores deputados municipais;

Senhora presidente substituta da junta de Freguesia e restantes eleitos da junta de Freguesia;

Senhoras e senhores.

Uma das primeiras imagens que retenho das comemorações da implantação da República, é a de uma fotografia do jornal *O Século*. Nela, um grupo de homens de chapéu na mão, vestimentas finas e barbas brancas caindo do queixo, comemoravam num cemitério em Lisboa, com discursos no jornal censurado, aquilo que parecia ter sido um grande acontecimento.

Soube mais tarde que tinha sido de facto um grande acontecimento.

Mas naquela altura, aqueles homens de roupas finas, surgiam deslocados no meu triste país de calças remendadas e de pés descalços. Eram de um tempo passado, repleto de sonhos que pouco tinham a ver com a realidade de que me ia apercebendo.

E a história do meu país continuou a desandar sempre a desandar, até uma madrugada de esperança com novos sonhos. Uma madrugada que hoje aqui comemoramos, talvez também aperaltados como os que comemoravam a implantação da República.

Esta rebuscada analogia, leva-me a tentar meter-me na pele dos jovens que, às portas de um futuro de incertezas, amanhã vão olhar para as nossas fotografias num qualquer jornal, certamente já não de papel, mas de certeza sem censura. Provavelmente também para eles, as gloriosas palavras de comemoração do 25 de Abril, soarão deslocadas no país que pouco lhes dá, do muito que lhes vem prometendo. Não esqueçamos que foi a promessa do “bacalhau a pataco” que juntou os portugueses à volta da república e que foi o descrédito do “bacalhau a pataco” que os afastou.

Senhor presidente da Assembleia Municipal

Senhoras e senhores

Não esqueçamos que a Liberdade só é totalmente entendida por quem não a teve.

Não esqueçamos que a Democracia só é totalmente entendida por quem, alguma vez, não a viveu no dia a dia.

Não esqueçamos que Liberdade é também transformar sonho em realidade.

Tenhamos isto presente quando nos apercebemos da leviandade com que se afirmam, para já só no espaço geopolítico onde nos inserimos, velhos messianismos de salvação de tudo e mais alguma coisa. Emergem velhos fantasmas, agora à direita, a que certamente não será estranho o progressivo desinteresse dos jovens pela política e, pior ainda, a forma depreciativa como os políticos são olhados por esses mesmos jovens e, não só pelos jovens. A Democracia tem tendência a suicidar-se e os políticos põem-se a jeito.

Os que nos revemos na democracia que emergiu do 25 de Abril de 1974, temos a obrigação de manter uma luta diária contra os totalitarismos, velhos e novos, que não desistem de tentar franquear a porta, sempre escancarada da Democracia. Sempre escancarada, porque essa é a essência da Democracia, respeitando mesmo os que a tentam usurpar. Só assim manteremos a liberdade de opinião e a liberdade de pensamento que nos são tão caras.

Que comemoramos aqui hoje? Comemoro, aliás, comemoramos todos com certeza, a madrugada de 25 de Abril. Comemoramos a madrugada da esperança. Comemoramos a madrugada da queda da tirania e do nascer da Democracia. Comemoramos a madrugada do fim da guerra em África e do início da emancipação dos povos que colonizávamos, nossos irmãos na língua. Comemoramos os sonhos que atravessaram os bairros pobres das cidades e o povo sofredor dos campos. Comemoramos 45 anos do Movimento das Forças Armadas. Afinal, temos tanto para comemorar juntos, precisamente porque nenhum de nós é dono do 25 de Abril.

Logo após o 25 de Abril e durante pouco mais de ano e meio, tentaram desvirtuar os sonhos e impedir a cimentação da Democracia. Abriram-se então feridas que ainda hoje prevalecem aqui e acolá. Discursos inflamados sobre o passado recente, com algum ódio à mistura, não servem a Democracia e obstam ao fortalecimento da coesão nacional. É por isto que temos que abrir portas de diálogo pelo meio das diferenças no ver e no pensar de cada um.

É com esta luta diária pela Democracia, que recuperaremos as alegrias que vivemos faz esta madrugada 45 anos. Não transformemos estas comemorações em rituais balofos, em que cada um acusa o outro, de culpado de tudo o que nós todos não conseguimos fazer. Porque a democracia vive da participação dos cidadãos, vamos apelar à participação de todos, criando as condições para que os que não viveram o 25 de Abril, o estejam aqui a comemorar, daqui a muitos anos, como nós o fazemos hoje. Está nas nossas mãos olhar de frente o futuro, com alegria, verdade e sem rancores. Sobretudo com a verdade que a Liberdade nos permite e nos exige.

No ano do centenário de Sophia, um poeta de Abril, recordemos o seu poema “Nesta Hora” publicado em 1977:

*Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade*

E acrescenta Sophia mais à frente

Não basta gritar povo

citado

Senhor presidente da Assembleia Municipal

Senhoras e senhores

Estamos na Assembleia Municipal de Alpiarça, um órgão do Poder Democrático Local um dos frutos da heróica gesta dos militares de Abril. O carácter pluralista desta assembleia, representa o que de melhor floresceu na madrugada que hoje comemoramos. Perante vós, caros munícipes, estão as forças políticas em que votaram, e que correspondem às vossas diferenças de ver e de pensar a sociedade. Perante vós estão as forças políticas responsáveis pelo futuro de Alpiarça, pelo vosso futuro de cidadãos. Este é de facto o local mais indicado para comemorarmos a revolução dos cravos.

Sejamos capazes de soltar um vibrante viva ao que nos une

Viva a República Portuguesa.

Viva o 25 de Abril de 1974

Viva Alpiarça

Disse

Alpiarça, 24 de Abril de 2019